

GÊNEROS, TIPIFICAÇÃO E PRÁTICAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DA ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

Beatriz Goaveia Garcia PARRA

Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" – UNESP

Resumo: À luz das teorias anglo-americanas de análise de gêneros, em especial Swales (1990, 2004) e Bazerman (2007), este trabalho objetiva caracterizar a entrevista sociolinguística como um evento comunicativo regrado, que se constitui por gêneros específicos a fim de possibilitar a análise da variação e da descrição linguística. Considerando os gêneros como estruturas tipificadas que visam a garantir a realização de práticas sociais, analisamos dez arquivos de transcrição de entrevistas sociolinguísticas pertencentes ao banco de dados IBORUNA, desenvolvido com o propósito de mapear o português falado na região de São José do Rio Preto, interior de São Paulo. A análise dos movimentos retóricos (SWALES, 2004) que compõem o questionário-guia, produzido pelo entrevistador, aponta a relação desse gênero com os demais gêneros a serem produzidos pelo entrevistado ao evidenciar os diferentes graus de familiaridade que um indivíduo pode apresentar na produção de diversos gêneros e a importância da tipificação dos gêneros produzidos na entrevista para a manutenção dos propósitos da pesquisa sociolinguística.

Palavras-chave: Teorias anglo-americanas de gêneros. Tipificação. Práticas sociais. Entrevista sociolinguística.

GENDERS, TYPIFICATION AND SOCIAL PRACTICES: AN ANALYSIS OF SOCIOLINGUISTIC INTERVIEW

Abstract: In light of Anglo-American theories of gender analysis, especially Swales (1990, 2004) and Bazerman (2007), this work aims to characterize the sociolinguistic interview as a regimented communicative event, which is constituted by specific genres in order to enable the analysis of linguistic variation and description. Considering the genera as typified structures that aim to guarantee the accomplishment of social practices, I analyze ten transcription file sociolinguistic interviews belonging to IBORUNA database, developed in order to map the Portuguese spoken in the region of São José do Rio Preto, São Paulo. The analysis of rhetorical movements (SWALES, 2004) that compose the questionnaire-guide produced by the interviewer points out the relationship of this genre with the other genres to be produced by the interviewee when evidencing the different degrees of familiarity that an individual can present in the production of several genres and presenting the importance of the typification of the genres produced in the interview for the maintenance of the purposes of sociolinguistic research.

Keywords: Anglo-American theories of genders. Typification. Social Practices. Sociolinguistic interview.

GÊNEROS, TIPIFICAÇÃO Y PRÁTICAS SOCIAIS: UN ANÁLISIS DE LA ENTREVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA

Resumen: A la luz de las teorías anglo-americanas de análisis de géneros, especialmente Swales (1990, 2004) y Bazerman (2007), este trabajo objetiva caracterizar la entrevista sociolingüística como un evento comunicativo reglado, que se constituye por géneros específicos a fin de posibilitar el análisis de la variación y de la descripción lingüística. Considerando los géneros como estructuras tipificadas destinadas a garantizar la realización de prácticas sociales, analizamos diez archivos de transcripción de entrevistas sociolingüísticas pertenecientes al banco de datos IBORUNA, desarrollado con el propósito de mapear el portugués hablado en la región de São José do Rio Preto, interior de São Paulo. El análisis de los movimientos retóricos (SWALES, 2004) que componen el cuestionario guía, producido por el entrevistador, señala la relación entre ese género y los demás géneros que serán producidos por el entrevistado una vez que evidencia los diferentes grados de familiaridad que un individuo puede presentar en la producción de diversos géneros y la importancia de la tipificación de los géneros producidos en la entrevista para la manutención de los propósitos de la pesquisa sociolingüística.

Palabras clave: Teorías anglo-americanas de géneros. Tipificación. Prácticas Sociales. Entrevista sociolingüística.

INTRODUÇÃO

As teorias anglo-americanas para a análise de gêneros desenvolveram-se como uma alternativa aos modelos formais, que, de acordo com Miller (2012, p. 13), baseiam-se apenas no levantamento de padrões linguísticos e organizacionais descontextualizados ao partirem de uma concepção de gênero como um conjunto de traços imutáveis que independe dos sujeitos que o produz e da situação comunicativa em que ocorre.

Embora não neguem a existência de traços micro e macro textuais mais ou menos estáveis que permitam a identificação de um determinado gênero, as pesquisas que compõem a vertente anglo-americana – dentre as quais citamos os trabalhos sociorretóricos de Swales (1990, 2004), voltados para o ensino de gêneros acadêmicos, e as pesquisas na linha da nova retórica desenvolvidas por Bazerman (2007) e por Miller (2012) –, vão além dos aspectos

formais em suas análises para demonstrar como o gênero está a serviço de um conjunto de propósitos de uma dada comunidade. A esse respeito, Bazerman afirma:

A definição de gêneros como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção de sentidos. Ignora as diferenças de percepção e de compreensão, o uso criativo da comunicação para satisfazer novas necessidades percebidas em novas circunstâncias e a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo. (BAZERMAN, 2007, p. 31)

Assim, os gêneros não são meros reflexos dos processos sociais, mas parte constitutiva e indispensável da vida em sociedade (FIGUEIREDO; BONINI, 2006, p. 418). Há, portanto, uma relação simbiótica entre gêneros e práticas sociais, pois, ao mesmo tempo em que os gêneros são moldados tendo em vista a prática social que visam a desempenhar, se não fosse por meio de gêneros, isto é, pela existência de formas linguísticas tipificadas e reconhecidas socialmente, as práticas sociais não aconteceriam.

Bazerman (2007) enfatiza que os gêneros não são produzidos de modo individualizado e aleatório, mas que cada gênero é condicionado por outro, formando sistemas de gêneros responsáveis por enquadrar uma dada realidade sócio-histórica. Para o autor, a análise desses sistemas permite compreender “[...] como as pessoas criam novas realidades de significação, relações e conhecimentos, fazendo uso de textos.” (BAZERMAN, 2007, p. 19).

Partindo da noção de sistema de gêneros exposta por Bazerman e relacionando-a à proposta de análise de gêneros apresentada por Swales (1990, 2004), este trabalho discute como os gêneros envolvidos na entrevista sociolinguística contribuem para o desenvolvimento de uma prática sócio-acadêmica: a pesquisa linguística. Para tanto, seguimos a proposta de Swales (2004), que defende a possibilidade de se extrair de um gênero sua estrutura retórica a partir de movimentos que lhe são comuns, e analisamos os movimentos retóricos dos questionários-guia produzidos pelo entrevistador em dez inquéritos de transcrição das entrevistas sociolinguísticas que compõem o banco de dados IBORUNA (GONÇALVES, 2007).

A fim de demonstrar como é possível conciliar os pressupostos teóricos da perspectiva anglo-americana de análise de gêneros com os métodos de análise da pesquisa sociolinguística, organizamos este artigo da seguinte forma: na seção 1, apresentamos os princípios teóricos das

teorias de gênero aqui adotadas, abordando, em especial, os conceitos de gênero, sistema de gêneros e tipificação, bem como suas relações com a constituição de práticas sociais. Em seguida, na seção 2, discutimos a importância da entrevista sociolinguística para o desenvolvimento da pesquisa sociolinguística e relacionamos essa prática com os conceitos apresentados na seção anterior. Já na seção 3, apresentamos, primeiramente, os aspectos metodológicos que guiam este trabalho, para, em seguida, focar na estrutura retórica do questionário-guia e sua relação com os gêneros produzidos pelo entrevistado, a saber: relato de experiência, narrativa recontada, relato descritivo, relato de procedimento e relato de opinião. Por fim, tecemos algumas considerações finais sobre as discussões feitas ao longo do trabalho.

1. GÊNEROS, TIPIIFICAÇÃO E SISTEMA DE GÊNEROS

Múltiplas são as perspectivas teóricas que adotam o gênero como objeto de análise e, por isso, também são múltiplas as definições desse objeto. Visto que este trabalho adota a perspectiva anglo-americana para a análise da entrevista sociolinguística, a noção de gênero aqui assumida está centrada não na forma do texto, mas na ação usada para sua realização (MILLER, 2012, p. 22).

A proposta de análise desenvolvida por Swales (1990), aprimorada em Swales (2004), é considerada um marco inovador para os estudos em gêneros, em especial para aqueles pertencentes ao âmbito acadêmico, como nos indica Heimas e Biasi-Rodrigues (2005), suscitando trabalhos aplicados tanto aos gêneros acadêmicos – Aranha (1996, 2004, 2015), Lima e Aranha (no prelo), Zakir e Andreu-Funo (2013) – como a gêneros pertencentes a outras esferas sociais – dentre os quais citamos os resumos escolares (SOUZA, no prelo).

A concepção de gênero adotada por Swales envolve dois importantes conceitos que interessam ao estudo aqui desenvolvido: o de comunidade discursiva e o de propósito comunicativo, que são assim correlacionados pelo autor:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos cujos exemplares compartilham o mesmo conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros

experientes da comunidade discursiva original e, portanto, constituem a lógica (*rationale*) do gênero. Essa lógica molda a estrutura esquemática do discurso, influenciando e restringindo as escolhas de conteúdo e de estilo. O propósito comunicativo é um critério privilegiado que opera para manter o escopo de um gênero estritamente focado na ação retórica compatível com a noção de gênero aqui concebida. (SWALES, 1990, p. 58)

Logo, o gênero não corresponde a um elemento independente, mas está a serviço de uma comunidade discursiva, isto é, uma comunidade formada por membros que compartilham propósitos comunicativos semelhantes e que faz uso de gêneros para atingi-los. Sendo assim, as propriedades de um gênero – relacionadas tanto ao seu conteúdo quanto a sua estrutura – são moldadas pelos propósitos comunicativos que tal comunidade visa a atingir. Nessa perspectiva, o gênero vai além do texto propriamente dito, enquanto materialização da mensagem, para englobar os objetivos da sua produção e as características da situação em que é produzido.

Tendo em vista que, para Swales (1990, 2004), a estabilidade e a prototipicidade são propriedades que garantem o reconhecimento e o ensino/aprendizagem de um gênero, o autor defende a ideia de que é possível identificar argumentações recorrentes nos gêneros que desempenham diferentes funções retóricas, às quais denomina Movimentos Retóricos. (SWALES, 1990, p. 136).

A padronização também é, para Bazerman (2007), um critério fundamental na constituição dos gêneros, sendo estes definidos como formas de comunicação tipificadas. Nessa visão, porém, a padronização dos gêneros, ou tipificação, como nomeia o autor, vai além da produção de simples modelos textuais, para organizar o modo pelo qual as pessoas realizam suas atividades sociais:

Uma maneira de coordenar melhor nossos atos de fala uns com os outros é agir de modo típico, modos facilmente reconhecidos como realizadores de determinados atos em determinadas circunstâncias. [...] Assim, podemos antecipar melhor quais serão as reações das pessoas se seguimos essas formas padronizadas e reconhecíveis. (BAZERMAN, 2007, p. 29)

Portanto, ao tipificarmos nossa forma de comunicação, através dos gêneros, estamos também tipificando a situação em que tal gênero ocorre, sendo este um processo significativo, pois tornamos reconhecível socialmente nossas ações e expectativas. Seguindo este ponto de vista, Bazerman (2007) apresenta os gêneros como sendo “fenômenos de reconhecimento psicossocial”, que “emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos.” (BAZERMAN, 2007, p. 31).

Ao compreendermos que agimos socialmente por meio de padrões linguísticos, podemos reconhecer que os gêneros realizam ações e concretizam práticas sociais por meio de seus textos. A esse respeito, Bazerman (2007) afirma que cada texto é responsável por criar um fato social, pois a ação que esse texto realiza altera a dinâmica social ao atribuir-lhe valores significativos:

Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou *atos de fala*. Esses atos são realizados através de formas textuais padronizadas, típicas e, portanto, inteligíveis, ou gêneros, que estão relacionadas a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas. Juntos, os vários tipos de textos se acomodam em *conjuntos de gêneros* dentro de *sistemas de gêneros*, os quais fazem parte dos *sistemas de atividades humanas*. (BAZERMAN, 2007, p. 22 – grifos do autor).

Na visão do autor, a cada texto uma ação social é realizada e, com ela, surge a necessidade de se realizar outras ações, que só serão concretizadas por meio de outros textos, formando um sistema de gêneros. Esse sistema é definido por Bazerman (2007, p. 32) como sendo um conjunto de gêneros utilizado por pessoas que trabalham juntas de forma organizada, envolvendo também as relações padronizadas que se estabelecem na produção desses gêneros, sua circulação e seu uso.

Visto que todo gênero realiza uma ação, sistemas de gêneros, por sua vez, implicam o surgimento e a realização de sistemas de atividades sociais. Assim, quando um gênero segue outro em um mesmo fluxo comunicativo, os participantes da comunicação estão organizando a sequência de ações que serão desenvolvidas para a constituição de uma prática social mais ampla e que mantém todo o sistema em unidade. A ideia de que os gêneros agem socialmente

por meio de sistemas, amplamente defendida em Bazerman (2007), pode ser também encontrada nos trabalhos anteriores, como em Swales (2004).

Tendo em vista que os conceitos aqui apresentados – gênero, comunidade discursiva, propósito comunicativo, tipificação, sistema de gêneros e prática social – são evidenciados quando levamos em consideração um evento comunicativo real, abordamos, na próxima seção, a constituição da entrevista sociolinguística.

2. A ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA NAS TEORIAS ANGLO-AMERICANAS DE GÊNEROS

Em termos amplos, a Sociolinguística pode ser caracterizada como o ramo dos estudos linguísticos que analisa a relação entre o comportamento linguístico de uma dada comunidade de fala¹ e os aspectos sociais que a determinam, sendo seu objeto de estudo a língua falada em situações naturais de interação face a face, como explica Tarallo (1985):

[...] a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação. Essas partes do discurso, caracterizadas aqui como o vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística. (TARALLO, 1985, p. 19 – grifo do autor).

Considerando que a fala se perde no tempo, a constituição de uma amostra sociolinguística realiza-se por meio da gravação da interação comunicativa. Essa limitação imposta pelas propriedades da língua oral cria um paradoxo para a pesquisa sociolinguística, pois, o entrevistado pode se sentir constrangido diante de um gravador. Visto que a fala carrega marcas sociais que podem ser valorizadas ou desvalorizadas socialmente, tais como níveis de escolaridade, pertencimento a dada região geográfica, idade e sexo; durante a coleta sociolinguística, se o informante não estiver à vontade durante a interação, ele voltará sua atenção para a forma de enunciar suas ideias, evitando variantes linguísticas estigmatizadas –

¹ O conceito de *comunidade de fala* é definido como agrupamento de falantes que têm características linguísticas comuns (BELINE, 2012, p. 128), visto que, para Guy (2000), esses falantes compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros; e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. Vemos por essa definição que a comunidade de fala não corresponde ao conceito de *comunidade discursiva* proposta por Swales (1990), pois, enquanto a primeira é determinada pelas variantes linguísticas que utiliza, a segunda é delimitada a partir de propósitos comunicativos comuns.

que possam fazer parte de sua fala cotidiana – e utilizando variantes de prestígio – que talvez não sejam tão frequentes em sua fala habitual.

Na tentativa de minimizar os possíveis obstáculos que se impõem à coleta do vernáculo, Labov (1984) define a entrevista sociolinguística como método de pesquisa. Nesse tipo de interação face a face, um informante, pertencente à comunidade de fala que se pretende investigar, é entrevistado por um indivíduo vinculado ao meio acadêmico. Como nos demais tipos de entrevistas, na entrevista sociolinguística é o entrevistador quem determina as perguntas a serem respondidas, sendo estas perguntas formuladas previamente. Porém, diferentemente de uma entrevista para um jornal, por exemplo, em que interessa ao entrevistador e ao público que lerá a matéria o conteúdo das respostas oferecidas pelo entrevistado, no caso da entrevista sociolinguística, interessa ao entrevistador e aos que farão uso da entrevista em suas pesquisas as estruturas que emanam da fala do entrevistado. Portanto, as perguntas que guiam a entrevista sociolinguística devem ser elaboradas a fim de propiciar o aparecimento de gêneros que (i) contenham as estruturas alvo da pesquisa linguística e que (ii) estejam vinculados à experiência pessoal do entrevistado, pois ao falar sobre sua vida e ao expor suas opiniões, o informante envolve-se com emoções relacionadas ao assunto tratado e preocupa-se menos com a elaboração de seus enunciados.

Além de ser o principal método de coleta de dados para a pesquisa sociolinguística, as entrevistas sociolinguísticas também são utilizadas como corpus de diversos estudos funcionalistas que buscam analisar as propriedades morfossintáticas e fonológicas da língua em contextos reais de uso. Dessa forma, a entrevista sociolinguística possibilita não só o estudo da variação, mas também possibilita o estudo de diversos aspectos comunicativos que interessam à pesquisa linguística em geral.

Relacionando a entrevista sociolinguística com os conceitos das teorias anglo-americanas de análise de gêneros apresentados anteriormente, vemos que a entrevista sociolinguística é um evento social que ocorre no mundo, no qual duas ou mais pessoas se encontram em um lugar e em um horário pré-definido para interagirem mediante a presença de um gravador. Tal interação, entretanto, só ocorre por meio de gêneros, ora elaborados pelo

entrevistador, ora produzidos pelo entrevistado, compondo, assim, o sistema de gêneros próprio da entrevista sociolinguística.

Cada texto produzido durante uma entrevista sociolinguística irá desempenhar um propósito comunicativo compartilhado socialmente e que identifica tal texto como pertencente a determinado gênero: se o entrevistado produz uma receita, ele a comunica com o intuito de instruir o entrevistador na realização de determinada tarefa, como cozinhar um bolo, por exemplo. Porém, o que permite identificar os gêneros da entrevista sociolinguística como compondo um sistema é o fato de colaborarem para a realização de um propósito mais específico: o levantamento de dados de fala suficientemente representativos para a análise linguística de uma comunidade.

Observando a dinâmica da entrevista sociolinguística, é possível compreender o propósito comunicativo não como um aspecto inerente ao texto, mas como um processo construído socialmente com base na atividade que o gênero desempenha na vida real, como defende Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012):

Neste sentido, o propósito comunicativo tem a ver exatamente com aquilo que os gêneros realizam na sociedade, admitindo-se, porém, que o propósito de um gênero não é necessariamente único e predeterminado. No conjunto de propósitos comunicativos realizados por um gênero, haverá propósitos específicos ou “intenções particulares” de certos atores sociais, sejam eles os produtores do gênero ou os controladores de sua produção e circulação [...] (BIASI-RODRIGUES; BEZERRA, 2012, p. 235).

Em uma entrevista sociolinguística, o ator social que detém o controle da interação é o entrevistador, que, para cumprir com sua tarefa de conduzir a produção do entrevistado, faz uso de um questionário-guia. Tendo em vista que, para Labov (1984, p. 33), um dos objetivos da entrevista sociolinguística é traçar os padrões de comunicação entre membros da comunidade de fala, torna-se imprescindível para a pesquisa linguística que as perguntas-base do questionário-guia sigam um mesmo propósito em todas as entrevistas realizadas a fim de garantir a uniformidade dos arquivos de dados coletados e o reconhecimento desses arquivos como compondo uma amostra de fala metodologicamente coerente.

Observamos, assim, que o processo de tipificação, apontado por Bazerman (2007) e discutido na seção anterior, garante a legitimidade de uma amostra sociolinguística, pois, por meio da padronização do questionário-guia, visa-se à padronização do modo como o entrevistado organizará suas respostas, isto é, os gêneros de que ele irá se valer. Com a tipificação, portanto, a entrevista sociolinguística cumpre outro objetivo proposto por Labov (1984, p. 32) a este método de coleta de dados: obter repostas comparáveis a questões que expressem as atitudes e experiências dos membros das diferentes comunidades de fala.

Contudo, como cada interação consiste em um evento comunicativo único, é possível que as perguntas previamente elaboradas sofram alterações e expansões no decorrer da interação. O entrevistador pode, por exemplo, sentir a necessidade de realizar mais perguntas voltadas à produção de um determinado gênero a fim de conseguir um maior tempo de fala daquele informante.

Na seção anterior, também vimos que, segundo Bazerman (2007, p. 31), a tipificação das formas textuais em gêneros molda as atividades sociais que se desencadeiam a partir desses gêneros. Sendo assim, ao constituir-se por um sistema de gêneros tipificado, a entrevista sociolinguística determina o modo como a pesquisa linguística será realizada.

Podemos, assim, compreender a pesquisa linguística como a prática social que permeia o desenvolvimento da entrevista sociolinguística, sendo tal prática a responsável por atribuir uma função social aos gêneros coletados por meio da gravação da interação entre o informante e o pesquisador.

Na elaboração de uma amostra de dados para a análise sociolinguística, diversos gêneros podem ser produzidos (na elaboração do IBORUNA encontramos: diário de campo, ficha de identificação dos arquivos, projeto enviado à agência de fomento, ficha social dos entrevistados, etc. – veja detalhes do IBORUNA na seção 3.1), formando, assim, um sistema de gênero, nas concepções de Bazerman (2007). Neste recorte, priorizamos os gêneros que se deixam conhecer pelos arquivos de transcrição do corpus adotado, isto é, os gêneros que foram gravados pelo entrevistador durante a interação com seu informante, que são o

questionário-guia, realizado pelo entrevistador, e os gêneros produzidos pelos entrevistados como resposta a esse questionário.

3. OS GÊNEROS NAS ENTREVISTAS DO IBORUNA

Esta seção destina-se à análise da entrevista sociolinguística segundo as noções teóricas discutidas ao longo deste trabalho. Para tanto, caracterizamos primeiramente, em 3.1, o corpus adotado, para, em 3.2, focarmos na estruturação dos questionários-guia em movimentos retóricos a fim de evidenciar a relação existente entre esse gênero, produzido pelo entrevistador, e os demais gêneros, produzidos pelo entrevistado.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

O corpus utilizado neste trabalho é composto por arquivos de transcrição das entrevistas sociolinguísticas pertencentes ao IBORUNA, banco de dados para o estudo do português falado na região de São José do Rio Preto, criado pelos membros do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE/UNESP) por meio do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), desenvolvido entre os anos de 2002 e 2003 com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

O banco de dados IBORUNA é composto por dois tipos de amostra de fala: a Amostra Censo (AC), que reúne amostras de fala controlada, e a Amostra de Interação Dialógica (AI), que reúne amostras de fala coletadas secretamente em situações livres de interação. Em nossa análise, limitamo-nos aos dados da Amostra Censo, visto que nela encontram-se os arquivos de transcrição das entrevistas sociolinguísticas. Por isso, os arquivos aqui mencionados são referenciados pela sigla (AC). Na análise aqui empreendida, selecionamos os dez primeiros arquivos de transcrição de entrevistas sociolinguísticas disponíveis para consulta no *site* do projeto ALIP, sendo assim referenciados: (AC-049), (AC-050), (AC-051), (AC-052), (AC-053), (AC-054), (AC-055), (AC-056), (AC-081), (AC-082).

Todas as dez entrevistas selecionadas para este estudo foram realizadas com informantes de escolaridade superior. Tal restrição foi feita para que pudéssemos identificar

um padrão de familiaridade com os gêneros produzidos por informantes que tivessem um mesmo nível de escolaridade. Partimos, portanto, da hipótese de que os informantes com escolaridade superior, por apresentarem um maior tempo de convivência no ensino formal, não teriam dificuldades em produzir os gêneros solicitados pelo entrevistador.

3.2 OS MOVIMENTOS RETÓRICOS DO QUESTIONÁRIO-GUIA E A TIPIFICAÇÃO DA ENTREVISTA

Aplicando as noções de gênero e de sistema de gênero à análise dos arquivos selecionados, observamos que as transcrições do corpus IBORUNA apresentam seis gêneros textuais: o questionário para a entrevista sociolinguística, a narrativa de experiência pessoal, a narrativa recontada, o relato descritivo, o relato de procedimento e o relato de opinião; sendo apenas o primeiro realizado pelo entrevistador, enquanto os demais são produzidos pelo entrevistado.

Como anteriormente discutido, o questionário para a entrevista sociolinguística tem a finalidade de conduzir a interação a fim de propiciar que os entrevistados produzam determinados gêneros que permitam a análise das variedades linguísticas e em uma quantidade significativa, que evidencie os padrões de comportamento linguístico daquela determinada comunidade de fala.

Aplicando a proposta de Swales (1990) de que é possível caracterizar um gênero por meio de sua estrutura retórica, levantamos os movimentos retóricos que constituem o questionário para as entrevistas do IBORUNA. A estrutura retórica verificada nos questionários analisados pode ser esquematizada da seguinte forma:

Quadro 1 – Estrutura em Movimentos do questionário para entrevistas do IBORUNA

Movimento 1: Solicitação de um relato de experiência pessoal E
Movimento 2: Solicitação de narrativa recontada E
Movimento 3: Solicitação de um relato descritivo E
Movimento 4: Solicitação de um relato de procedimento E
Movimento 5: Solicitação de um relato de opinião

Os questionários do IBORUNA compõem-se basicamente de cinco movimentos, cada um tendo como propósito solicitar ao informante a produção de um gênero textual específico. Todos esses cinco movimentos são obrigatórios, o que garante a tipificação de todas as entrevistas realizadas para compor o corpus. Com essa tipificação, tanto as amostras de fala do IBORUNA como as pesquisas que nelas se apoiam adquirem legitimidade científica.

No **Movimento 1** do questionário para as entrevistas, é solicitado ao entrevistado que narre algum fato de sua experiência pessoal. Vejamos no quadro alguns exemplos de como essa solicitação ocorre:

Quadro 2- Realizações textuais do Movimento 1

Movimento 1: Solicitação de um relato de experiência pessoal	
AC-049	1) eu gostaria que você me contasse uma história que tenha acontecido com você
AC-050	1) agora eu queria que você me contasse... uma história que tenha acontecido com você um fato que tenha... se passado com você
AC-051	1) eu quero que você diga pra mim... eu gostaria que você me contasse... uma história que tenha acontecido com você... que você tenha achado engraçada triste constrangedora algum fato que tenha ocorrido já na sua vida... e que você possa me contá(r)
AC-052	1) eu queria que você me contasse algo... da sua vida assim... éh::... bom:: ou ruim... éh a/ al/ algo que tenha te marcado assim que você acha interessante contá(r)... cê pode contá(r) pra mim?
AC-053	1) então me conta uma história... que aconteceu com você que pode sê(r) eng/... curiosa... divertida... triste... conta pra mim essa história então
AC-054	1) então pra começá(r) cê me conta uma uma narração de experiência pessoal
AC-055	1) conta pra mim então alguma história que você lembra que aconteceu com você 2) continua contan(d)o pra mim alguma história que tenha si/ acontecido com você
AC-056	1) agora cê pode me contá(r)... alguma história que você viveu... que foi... agradável pra você? 2) e teve alguma/ algum fato durante o relacionamento que marcô(u) ou alegre ou triste?
AC-081	1) eu gostaria que você... escolhesse um fato que ocorreu na sua vida... e contasse pra mim me caracterizasse esse fato me disse o que foi quando

	ocorreu onde foi porque... e assim por diante
AC-082	1) eu gostaria assim que cê... você me contasse... alguma coisa que aconteceu com você... assim que te marcô(u) que ficô(u) marcado pra você que você nunca... num vai esquecê(r) mais... pode sê(r) uma coisa... algu/ algo alegre que aconteceu com você ou algo triste... tá?

No Movimento 1 observamos que a estrutura das perguntas se mantém muito similar em todas as entrevistas: a solicitação de uma história pessoal se dá de forma bastante abrangente, permitindo que o entrevistado escolha o caráter (alegre, triste, engraçado, etc.) do fato a ser narrado. Essa abrangência está relacionada a uma das orientações oferecidas por Labov (1984), para a realização da entrevista sociolinguística: segundo o pesquisador, o entrevistador deve conferir autonomia ao entrevistado para que este selecione falar, dentro do tópico oferecido pelo entrevistador, o assunto que mais lhe agrada. Caso o entrevistador limitasse as opções de relato de experiência pessoal (por exemplo, solicitasse apenas histórias tristes), correria o risco de não conseguir motivar a fala de determinados informantes, que poderiam não se lembrar de alguma experiência desse tipo ou simplesmente não gostariam de falar sobre ela.

No caso do Movimento 1, também observamos que, em geral, a pergunta feita pelo entrevistador tende a não explicitar o gênero a ser produzido pelo entrevistado, embora o gênero permaneça implícito no conteúdo da solicitação. Não explicitar o real objetivo da pergunta feita ao informante é mais uma estratégia para evitar que o informante focalize o modo de produção de suas respostas, o que comprometeria a produção de amostras espontâneas de fala.

Outra característica recorrente no Movimento 1 é o fato de que, na maioria das entrevistas analisadas, o entrevistador precisou realizar apenas uma solicitação para conseguir de seu entrevistado uma narrativa de experiência pessoal de grande extensão. Tal resultado nos leva a considerar o **relato de experiência pessoal** como sendo um gênero muito familiar aos entrevistados.

No estudo realizado por Freedman (1993), a autora observa que a estrutura narrativa é adquirida implicitamente pelos indivíduos porque desde muito cedo são expostos a gêneros narrativos: as crianças, por exemplo, ouvem histórias de contos de fadas e são incentivadas a

narrar acontecimentos de suas vidas – vale lembrar, por exemplo, o diálogo dos pais com seus filhos no caminho de volta da escola em que os pais perguntam *como foi o seu dia hoje?*, ou até mesmo quando, na volta às aulas, a professora solicita aos alunos uma redação com o tema *o que eu fiz nas minhas férias*; por isso, quando adultos apresentam maior familiaridade com os gêneros narrativos do que com aqueles que só foram aprendidos por meio do ensino explícito.

As características de produção do **Movimento 2** são muito similares às do Movimento 1. Vejamos no quadro 3 essas realizações:

Quadro 3- Realizações textuais do Movimento 2

Movimento 2: Solicitação de narrativa recontada	
AC-049	1) eu gostaria agora que você me contasse uma história que tenha ocorrido com alguém que você conheça que tenha sido interessante
AC-050	1) agora eu queria que você me contasse uma história que tenha acontecido com alguém que você conhece... ou assim que alguém... e que alguém tenha te contado essa história que você num tenha participado disso... que você ficô(u) sabendo... que alguém te contô(u)
AC-051	1) eu quero que você me conte... uma história que tenha acontecido com alguém que você conhece... e que você acharia interessante me contá(r)... quem te contô(u) essa história com quem aconteceu
AC-052	1) cê tem alguma... história... assim OU TRISTe... ou alegre... que alguém te contô(u) pode sê(r) alguém da sua família... e.. que falô(u) pra você e que você queira contá(r)
AC-053	1) me conta uma história... que alguém te contô(u) sua mãe sua namorada seu pai
AC-054	1) agora a gente passa pro último que é a narrativa de experiência recontada
AC-055	1) conta pra mim agora alguma história que tenha acontecido com algum amigo teu:: assim alguma pessoa conhecida 2) continua contan(d)o pra mim então alguma história que aconteceu com alguém
AC-056	1) agora você pode me contá(r) uma história... que alguém te contô(u) que você num tenha participado mas que tenha chego até você por meio de outros... pode sê(r)? 2) e como eles [seus pais] se conheceram?
AC-081	1) eu gostaria que você... escolhesse algum fato que alguém vivenciô(u) que

	o(u)tra pessoa vivenciô(u)... que alguém te contô(u) de repente até essa mesma pessoa te contô(u) que ela vivenciô(u) né?... eu gostaria que você me narrasse esse fato me caracterizasse como foi onde foi porque né?... que essas/essas coisas aconteceram com... com essa pessoa que vivenciô(u) o fato
AC-082	1) você poderia... éh... me contá(r) assim... relatá(r)... algo que... que alguém tenha contado pra você... pode sê(r) algo de... de bom ou algo de ruim que alguém tenha te contado... e que você queira contá(r) pra mim?

Também no Movimento 2 a solicitação feita ao entrevistado ocorre de forma bastante abrangente: a história a ser narrada pode ter acontecido com qualquer pessoa (mãe, pai, namorado(a), etc.) e pode ser de qualquer teor (triste, alegre, etc.). O gênero a ser produzido pelo informante, agora a **narrativa recontada**, está implícito na fala do entrevistador da grande maioria das entrevistas analisadas, sendo necessária, em geral, apenas uma única solicitação do entrevistador para que o entrevistado produza uma amostra considerável de tal gênero.

Na análise do **Movimento 3**, por outro lado, notamos algumas mudanças na forma de estruturar a interação em comparação com a forma dos Movimentos anteriores. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 4- Realizações textuais do Movimento 3

Movimento 3: Solicitação de um relato descritivo	
AC-049	1) descreva seu jipe para mim
AC-050	1) agora eu queria que você... me descrevesse um... um local 2) como que é o bairro lá... que você mora?
AC-051	1) e agora o/ eu gostaria que você descrevesse pra mim... algum local que você goste... pode sê(r) parte de um lugar ou um lugar inteiro por exemplo uma parte de uma casa ou uma casa toda 2) por ser turístico você achô(u) como? calmo agitado?
AC-052	1) cê pode... me descrevê(r) assim algum local... que você goste... que você... freqüente bastante que você goste de está(r) ou de:... de freqüentá(r)? 2) como/ como que é a entrada da ca[sa]? 3) como que é o teu quarto assim?... com detalhes assim que cê que cê gosta...? 4) cê pode... éh me descrevê(r) como que é sua faculdade?

	5) como que é sua/ sua rotina?... segunda-feira como é que é?
AC-053	1) me descreve um local... que cê... que você goste que você fica bastante... um local 2) ah... fala dele [laboratório de informática] então também depois 3) descreve assim como é que é a entrada do IBILCE... pra gente encerrá(r) a nossa conversa
AC-054	1) a gente passa agora pra descrição de um ambiente então
AC-055	1) descreva pra mim a tua casa
AC-056	1) agora você pode me descrevê(r) um lugar que você goste de ficá(r)?... éh... sei lá pode sê(r) sua casa ou lugar onde trabalha num sei qualquer coisa 2) e o quê que tem nele [no quarto] assim que te chama atenção? 3) e como é o condomínio 4) e a casa do seu avô é legal é grande?
AC-081	1) eu gostaria agora C. que você escolhesse algum local que você gosta que que te/ que te marca né? que te chama a atenção por algum motivo... e me descrevesse esse local me caracterizasse esse local fisicamente
AC-082	1) eu queria que... que você... descrevesse pra mim... algum lugar que você gosta de de freqüentá(r)... que você vá... pode sê(r) um lugar... seu mesmo ou um lugar da su/... que a sua família vá... cê poderia... falá(r) um po(u)quinho desse lugar pra gente? 2) como que é assim essa casa?

Como é possível observar nos exemplos oferecidos no quadro 4, temos que, nas entrevistas sociolinguísticas analisadas, as perguntas relacionadas ao gênero **relato descritivo** podem ser tanto de caráter abrangente como específico, sendo que, quando o entrevistador realiza em um primeiro momento um pedido de descrição abrangente, ele tende a produzir futuramente solicitações de descrição voltadas para elementos mais específicos. É o que ocorre na entrevista (AC-052), em que, após realizar uma solicitação ampla, permitindo ao entrevistado escolher qualquer lugar de que goste, o entrevistador realiza outras três solicitações de descrição, oferecendo, ele próprio, o local a ser descrito: “a entrada da casa”, “o quarto” e “a faculdade”, e ainda solicita uma última descrição, não mais relacionada a um local, mas à rotina do entrevistado.

Assim, ao contrário dos Movimentos 1 e 2 nos quais o entrevistador realizava, em geral, apenas uma pergunta para impulsionar a narração do entrevistado, no Movimento 3 vemos que o esforço exercido pelo entrevistador para motivar seu informante a produzir uma quantidade relevante de amostras de fala é maior, porque nas entrevistas do nosso corpus os textos referentes ao gênero “relato descritivo” são mais breves do que os gêneros “relato de experiência pessoal” e “narrativa recontada”.

A brevidade dos textos descritivos produzidos pelos entrevistados está relacionada, dentre outros motivos, ao fato de que as características físicas e até mesmo os efeitos psicológicos que um local ou um objeto podem exercer sobre o falante são em certa medida limitados. Além disso, como o texto descritivo requer um maior detalhamento das informações expressas, observamos nos textos analisados que o falante se atém apenas às informações das quais ele tem certeza, o que não acontece nos gêneros narrativos anteriormente expressos, em que o falante narra até mesmo histórias de veracidade duvidosa.

Similares ao Movimento 3 são as propriedades macrotextuais que compõem o **Movimento 4**. Observemos o seguinte quadro:

Quadro 5- Realizações textuais do Movimento 4

Movimento 4: Solicitação de um relato de procedimento	
AC-049	1) como é que joga bisca? [...] quais são as pontuações? 2) e que mais cê sabe fazê(r)?
AC-050	1) éh cê tava me falan(d)o que cê sabe fazê(r) bolo num é? [...] cê pode me ensiná(r) como é que?
AC-051	1) eu quero que você me diga... alguma coisa que você saiba fazê(r)... o que é essa coisa depois eu quero que você relate pra mim o procedimento pra se fazê(r) essa/ essa essa coisa
AC-052	1) então eu queria que você desse... algumas receitas pra gente [...] como que é? como que cê começa a fazê(r) o bolo? como prepara? 2) quê mais que cê sabe fazê(r)? tem mais alguma receita?
AC-053	1) agora me fala... alguma coisa assim que cê sabe fazê(r) como que você faz alguma coisa... pode sê(r) como um... procedimento
AC-054	1) agora a gente passa pro relato de procedimento então
AC-055	1) fala pra mim alguma coisa que você sabe fazê(r)

	<p>2) eu sei que cê joga vôlei também aprende vôlei na faculdade... cê sabe como é que faz pra/ algumas técnicas pra se jogá(r) o vôlei?</p>
AC-056	<p>1) agora cê pode me falá(r)... uma receita ou como faz alguma coisa que você sabe? que tem aptidão?</p> <p>2) você sabe fazê(r) missanguinha também?</p> <p>3) e como faz a bolsa?</p> <p>4) e crochê borda faz alguma coisa?</p>
AC-081	<p>1) eu gostaria agora C. que você escolhesse algum procedimento alguma/ algum procedimento não alguma tarefa que você saiba fazê(r) logicamente e... me contasse como se procede quais são as etapas que devem sê(r) seguidas... pra podê(r) se realizá(r)... essa tarefa esse procedimento</p> <p>2) se você percebe que o aluno se satisfaz só ouvindo né? você percebe a aptidão de aprendizagem dele... só ouví(r) ou ele prefere fazê(r) exercício ele prefere constató(r)... uma vez que você percebe isso co/ co/ o que que você faz?</p>
AC-082	<p>1) como você... é bióloga eu vô(u)... éh vô(u) pedi(r) pra você... que::... descreva pra mim assim algum procedimento... de laboratório alguma... éh::... algo... que você faz... no laboratório assim... como que é feito... deve tê(r) uma série de de... pormenores uma sé/ uma seqüência né? que você deve... seguí(r)... eu queria que você descrevesse isso pra mim</p>

Nas realizações do Movimento 4, também verificamos que ora o entrevistador realiza apenas uma solicitação suficiente para motivar a fala do entrevistado, ora necessita realizar mais de uma solicitação para prolongar a interação. As solicitações feitas pelo entrevistador também variam entre gerais, como na entrevista (AC-051), e específicas, como na pergunta 1 da entrevista (AC-049). Os **relatos de procedimento**, produzidos pelo entrevistado após o Movimento 4, são constituídos de textos de curta duração, como no caso do relato descritivo, exigindo do entrevistador um maior número de perguntas.

Por fim, observemos no quadro 6 as realizações do Movimento 5:

Quadro 6- Exemplos de realizações textuais do Movimento 5

Movimento 5: Solicitação de um relato de opinião	
AC-049	<p>1) 1) que que você achô(u) do resultado das eleições aqui de Rio Preto desse ano?</p> <p>2) que que o Edinho fez pa Rio Preto que você pensa que ele seja... que você tem a opinião que ele seja melhor que o Manuel?</p> <p>3) e em relação ao SEMAE a C.P.I. do SEMAE o que que você acha disso?</p> <p>4) já que a gente tá falan(d)o de eleição e o que você/a sua opinião sobre as eleições na cidade de São Paulo entre a Marta e o Serra</p>
AC-050	<p>1) agora eu queria que você me me... ex/ me desse uma opinião... falasse o que você acha... sobre esse... essa campanha do desarmamento o que você pensa desse referendo?</p> <p>2) cê acha então que o desarmamento não resolveria o problema da violência?</p> <p>3) [você] acha assim que de repente o fato... vamos supor que seja 'sim'... que dê o referendo... cê acha...que a partí(r) disso... éh... os ladrões... ah éh... éh... passariam a agir mais ainda saben(d)o que as pessoas estão... né? teoricamente desarmadas?</p> <p>4) o que que você acha se... você tem alguma opinião de como... poderia sê(r) feito efetivamente essa pra diminuí(r) de verdade a violência?</p>
AC-051	<p>1) eu gostaria que você escolhesse um tema qualquer e me dissesse... que que você pensa sobre isso [...]pode sê(r) qualquer coisa por exemplo que esteja ligada ao seu trabalho turismo vamo(s) supor... uma sugestão né? cê pode pensá(r) no tema que você quisé(r)</p> <p>2) considerando as pessoas que te cercam você acha que o reforço de segurança... acaba sendo mesmo a solução num tem jeito?</p>
AC-052	<p>1) já que você falô(u)... contô(u) do seu primo... sobre:: que ele é homossexual... eu queria que você desse a sua opinião... o quê você acha di::sso... éh... a sua opinião particular a respeito disso</p> <p>2) você disse que ela era evangélica né? cê acha que ISSO influenciô(u) nessa decisão dela de... de praticamente expulsá(r) o filho de casa?</p> <p>3) na sua opinião cê acha que tá próximo disso de você se casá::(r) tê(r) um filho o quê que você acha?] u você qué(r) terminá(r) de estudá(r)?</p> <p>4) cê acha que é importante estudá(r) primeiro?</p>
AC-053	<p>1) eu sei que cê é corinthiano... então... éh... que que cê acha dessa parceria que teve né? entre o... Corinthians e essa empresa... M.S.I. lá da... Irã eu acho... que que cê acha?</p> <p>2) e cê acha que vai::... esses::... jogadores que tão lá vai tudo embora né?</p> <p>3) Sávio... e num deu certo (isso)... eu lembro que o quase foi reba(i)xado... cê num acha que pode/ e se acontecê(r) um negócio desse c'ó Corinthians?</p> <p>4) tão especulando que vai sê(r) o Luxemburgo... cê acha que vem?</p> <p>5) quem cê acha que é bom... que vale a pena?</p> <p>6) mas cê num acha que... por exemplo... esses... grandes técnicos que cê diz aí... eles só dirigem grandes equipes... com... com bons jogadores que faz o nome dele</p>

	entendeu? (o outro num)... coloca eles lá num:: num timinho aí cê acha que eles vão rendê(r) da mesma forma?
AC-054	1) agora a gente vai pro relato de opinião
AC-055	<p>1) eu queria sabê(r) sua opinião... sobre o que você acha sobre esse projeto/ esse programa do governo PROUNI... de a facilitá(r) a entrada de pessoas na universidade particular</p> <p>2) você acha que esse tipo de de seleção da PROUNI que é feito só pelo ENEM enfraquece o estudo na na na universidade?</p> <p>3) cê acredita que vale a pena você perdê(r)... um ano gastan(d)o com cursinho... pra pra entrá(r) num universidade pública... ou vale a pena você tentá(r) um ENEM que é tudo gratuito pra tentá(r) fazer uma universidade particular gratuita?</p> <p>4) cê acha que os recursos que a escola particular pode dá(r)... por tê(r) dinhe(i)ro por tê(r) laboratórios... éh... mais bem elaborados i/ i/ isso ajuda do uma escola/ uma faculdade pública que normalmente num tem muitos recursos pra.. pra investí(r) nessas tecnologias todas</p>
AC-056	<p>1) você pode me dá(r) assim a sua opinião falá(r) o que você pensa... sobre gravidez na/ na adolescência né?... éh... traição essas coisas assim</p> <p>2) você acha que a mãe... a culpa assim sempre acaba éh nos pai ou na mulher?</p> <p>3) quê que você acha assim sobre a AIDS né? que.. AIDS D.S.T... é falta de juízo de responsabilidade?</p> <p>4) e a traição o que você pensa... dela? de todos os lados sabe não só de homem pra mulher... de qualquer</p> <p>5) e traição assim de amigo sabe?</p> <p>6) o quê você acha que leva uma pessoa A faz/ A trai(r) sabe?</p>
AC-081	1) eu gostaria agora que você escolhesse algum tema... que você acha interessante falá(r) sobre e tal né?... e falasse qual o seu posicionamento em relação a ele... por exemplo se você acha que é bom ou se é ruim ou etcétera e falasse porque você tem tal opinião
AC-082	1) já que a gente tá num num ambiente assim... universitário a gente tá... aqui na UNESP né?... eu eu gostaria de perguntá(r) pra você eu gostaria de sabê(r) a sua opinião... sobre:... as cotas... pra negros... esse que/ esse assunto que tá tão comentado ultimamente na... em todo o estado até mesmo no país todo né?... eu queria que cê falasse algo pra gente opinião

Em nosso corpus observamos que na maioria das entrevistas sociolinguísticas analisadas o entrevistador realiza mais de uma solicitação para motivar o entrevistado a produzir uma amostra relevante do gênero **relato de opinião**, como ilustram as representações do quadro 6, no qual podemos notar que as entrevistas (AC-053) e (AC-056) chegam a apresentar seis solicitações do entrevistador a fim de motivar a fala do entrevistado. O maior

esforço comunicativo do entrevistador pode constituir uma evidência da menor familiaridade do entrevistado com a produção do relato de opinião quando comparado à facilidade de produção de uma narrativa, pessoal ou recontada. Pode indicar também a opinião sobre esse gênero do próprio entrevistador, que a priori pode considera-lo “difícil” ou menos comum, embora no cotidiano as pessoas vivam expressando suas opiniões sobre diferentes temas.

Por envolver questões polêmicas, o relato de opinião requer do falante um maior planejamento de sua argumentação, a fim de não comprometer o jogo de imagem entre os interlocutores. Ao ser surpreendido com uma pergunta que exija seu posicionamento sobre um assunto contraditório, a estratégia do falante é produzir um texto que não seja curto demais ao ponto de sugerir que ele não estava preparado para tal questionamento, nem longo demais ao ponto de produzir argumentos contraditórios ou sem fundamentos. Por isso, torna-se necessária a participação mais ativa do entrevistador, oferecendo novos temas para a reflexão.

Com base nas discussões aqui levantadas, verificamos que as entrevistas sociolinguísticas constitutivas do banco de dados IBORUNA representam uma prática social tipificada que, guiada pelo questionário do entrevistador, conduz à produção de gêneros específicos, vinculados às experiências, emoções, percepções e crenças do entrevistado, que possibilitam a realização da pesquisa sociolinguística ao incitarem uma fala espontânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, observamos sob a ótica das teorias anglo-americanas para a análise de gêneros – em especial, Swales (1990, 2004) e Bazerman (2007) –, a composição das entrevistas sociolinguísticas, aqui extraídas do banco de dados IBORUNA, a fim de demonstrar como os gêneros nelas envolvidos contribuem para a prática da pesquisa sociolinguística.

Dentre os seis gêneros que compõem as entrevistas investigadas, detalhamos o papel do questionário-guia na condução e tipificação das respostas a serem dadas pelo entrevistado. Ao extrairmos a estrutura retórica desses questionários, pudemos perceber também diferenças no esforço retórico realizado pelo entrevistador para motivar a produção de gêneros mais e menos familiares ao entrevistado. O número de solicitações feitas pelo entrevistador era menor nos casos em que o entrevistado deveria produzir gêneros com quais já estava

habitado – como é o caso dos gêneros narrativos – e maior nos casos em que o entrevistado não dominava completamente os gêneros que deveria produzir – como ocorreu com os gêneros descritivos e argumentativos.

Miller (2012, p. 22) propõe que o gênero seja visto como um aspecto da ação social. O estudo que aqui empreendemos revelou, portanto, os gêneros envolvidos na entrevista sociolinguística em sua contraparte social, sendo moldados pelos objetivos da pesquisa sociolinguística ao mesmo tempo em que molda a forma como essa prática socioacadêmica se realiza.

Agradecimentos: à Profa. Dra. Solange Aranha e à Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos pelas sugestões feitas a este trabalho.

REFERÊNCIAS

ARANHA, S. *A argumentação nas introduções de trabalhos científicos da área de Química*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

_____. *Contribuições para a introdução acadêmica*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 121-140.

BIASI-RODRIGUES, B.; BEZERRA, B. G. Propósito Comunicativo em análise de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão - SC, v. 12, n. 1, p. 231-249, jan/abr 2012.

FIGUEIREDO, D. C.; BONINI, A. Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão - SC, v. 6, n. especial, p. 413-445, 2006.

FREEDMAN, A. Show and Tell? The Role of Explicit Teaching in the Learning of New Genres. *Research in the Teaching of English*, Urbana, v.3, n. 27, p. 222-251, 1993.

GIL-LIMA, B.; ARANHA, S. Um estudo do gênero abstract na disciplina de Antropologia: a heterogeneidade da(s) área(s). (no prelo)

GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna*: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. 2007. Disponível em: <<http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>>. Acesso em: 15 jun 2016

GUY, G. A Identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística. *Organon - Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29. p. 17-32, 2000.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MAURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 108-149.

LABOV, W. Field Methods of the project on linguistic change and variation. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (Ed.). *Language in Use*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984, p. 28-53.

MILLER, C. R. *Gênero textual, agência e tecnologia*. DIONISIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. (Org.). São Paulo: Parábola editorial, 2012.

SOUZA, R. R. Modelo de estrutura retórica para leitura e escrita de resumo escolar no ensino médio técnico. (no prelo).

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. *Research Genres: Exploration and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

ZAKIR, M. A.; ANDREU-FUNO, L. B. O gênero acadêmico em questão: uma análise sociorretórica de resumos de dissertações de mestrado do projeto Teletandem Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v.13, n. 3, jul/set 2013.

Beatriz Goaveia Garcia PARRA

Mestra em Estudos Linguísticos pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" (UNESP) e graduada em Licenciatura em Letras com habilitação em português/espanhol pela mesma instituição. Atualmente é aluna de doutorado do programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP. Desenvolve pesquisa na área de Análise Linguística de abordagem funcionalista,

voltada para o estudo da Língua Espanhola, em especial para as orações concessivas sob o enfoque da Gramática Discursivo-Funcional e das teorias da Gramaticalização. É também membro do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GFGP) do IBILCE/UNESP atuando nos projetos de pesquisa desenvolvidos desde 2014.

Recebido em março/2017 - Aceito em janeiro/2018